



HISTÓRIA QUE CONECTA: MEMES, FILMES E PARTICIPAÇÃO ESTUDANTIL

Nathália Cecília Ferreira Diniz¹
Kleber Bezerra Costa²

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência desenvolvido durante o Estágio Supervisionado III, no primeiro semestre de 2025, em turmas da primeira e segunda série do ensino médio, com foco na implementação de práticas pedagógicas alternativas ao uso exclusivo do livro didático. Observou-se, no início das intervenções, um desinteresse significativo por parte dos estudantes, o que motivou a adoção de estratégias inovadoras, como o uso de recursos audiovisuais e memes, com o objetivo de estimular a curiosidade, a participação e o senso crítico dos alunos. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter documental e bibliográfico pautada em Lakatos e Marconi (2003) e prático com Daltro e Faria (2019) que discute a legitimação do relato de experiência como uma narrativa científica, sustentada por autores da área da educação e experiências de sala de aula, tais como: Freire (1987) ao defender uma educação libertadora, dialógica e centrada na realidade dos alunos, Bittencourt (2008) que descreve diversos métodos para o ensino de História, Napolitano (2008) sobre o uso do cinema em sala de aula e Andrade (2017) abordando a construção e utilização de memes. Os resultados apontam que metodologias diversificadas favorecem o engajamento e potencializam o processo de aprendizagem, conforme evidenciado nos feedbacks dos próprios estudantes.

Palavras-chave: Estratégias Inovadoras, Livro Didático, Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A lei nº 13.415/2017, que institui a reforma do Ensino Médio, promoveu diversas alterações no currículo, incluindo o aumento da carga horária anual de 800 para 1.000 horas. Diante desse cenário, os alunos devem estar na escola por tempo integral, cumprindo cerca de nove aulas diariamente. Esse modelo exige dos estudantes elevados níveis de concentração, disposição e motivação. É recorrente ouvir a insatisfação de alguns dos discentes e de profissionais da educação com relação ao atual modelo do Ensino Médio, sobretudo nas escolas públicas.

Esses estudantes, ao mesmo tempo que lidam com a incerteza de um futuro profissional e acadêmico, também estão passando por fases complicadas emocionalmente, a

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, nathalia.diniz.2022@alunos.uneal.edu.br

² Especialista em História pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL, prof.historiakleber@hotmail.com



puberdade e a adolescência. É notável o quanto dispersos eles ficam durante as aulas, o que acarreta na dificuldade de aprendizagem do aluno e no desgaste do professor, por nem sempre conseguir visualizar os resultados do seu trabalho.

Esse cenário reflete a permanência de práticas pedagógicas tradicionais, marcadas pelo predomínio da aula expositiva, que tende a restringir a participação ativa dos estudantes e a reduzir suas possibilidades de construção autônoma do conhecimento. E do engessamento do livro didático, que por mais que seja um importante instrumento para guiar-se a respeito dos conteúdos daquela série, pois está contido nele as habilidades e as competências da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Bittencourt (2008) ressalta a importância do livro didático, mas destaca que o mesmo não é e nem deve ser o único material a ser utilizado pelos alunos. Ou seja, não extermina o seu uso, mas evidencia a relevância de outros métodos.

Durante o Estágio supervisionado III, realizado numa escola da rede estadual de educação, situada na zona central da cidade de Arapiraca (AL). Sequer havia livros didáticos disponíveis, o professor estava seguindo os conteúdos por apostilas enviadas pela secretaria de educação. Em face dessa “falta” surgiu a liberdade de explorar outras práticas de ensino, como forma de atrair a atenção dos alunos, optando-se, nesse contexto, pelo uso de recursos como filmes e memes, em função das limitações de tempo impostas pelo estágio.

O objetivo geral do trabalho é sugerir recursos pedagógicos não tradicionais que colaborem para a formação do pensamento crítico e para a maior participação dos estudantes no processo de aprendizagem. De maneira específica, busca-se refletir sobre os limites do livro didático, que pode conter em seus assuntos interesses mercadológicos de grupos editoriais; estimular o engajamento e a participação dos alunos por meio das metodologias já não convencionais; aplicou-se durante o Estágio Supervisionado III, em turmas do 1º e 2º anos do Ensino Médio, recursos diferentes, como filmes, memes e outras linguagens digitais.

A proposta está alinhada à perspectiva freireana de uma educação dialógica e libertadora, na medida em que, segundo Freire (1996, p. 27), “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Tal concepção reforça a importância de práticas pedagógicas que promovam a autonomia, a reflexão crítica e a construção coletiva do conhecimento, rompendo com modelos tradicionais e centrados na transmissão de conteúdos.

Este estudo se constrói a partir de reflexões teóricas que inspiram novas formas de ensinar História, buscando alternativas aos modelos tradicionais. Bittencourt (2008) nos lembra que a disciplina não pode se resumir à repetição de conteúdos ou exercícios prontos. Em vez disso, é preciso abrir espaço para diferentes linguagens e suportes que ajudem os

estudantes a interpretar o mundo de maneira crítica. Napolitano (2008) reforça essa ideia ao destacar o cinema não apenas como ilustração, mas como documento histórico e expressão artística, capaz de provocar debates sobre representações sociais em diferentes épocas.

Ainda nessa linha, Andrade (2017) explora o uso de memes na educação, mostrando como esses elementos da cultura digital podem ser ferramentas pedagógicas poderosas. Ao dialogar com a realidade dos alunos, os memes estimulam o engajamento e a reflexão. Essa preocupação com a motivação dos estudantes também aparece em Silva *et al.* (2015), que apontam o desinteresse em sala de aula como resultado de métodos ultrapassados, distantes do cotidiano dos jovens.

Metodologicamente, a pesquisa se baseia em análise bibliográfica e documental, seguindo os caminhos traçados por Lakatos e Marconi (2003). Além disso, examina documentos fundamentais para a educação brasileira, como a LDB e a BNCC, que orientam as práticas pedagógicas no país. O trabalho também se apoia em um relato de experiência, inspirado em Daltro e Faria (2019), que defendem a importância da narrativa do pesquisador como forma de conhecimento. Aqui, a vivência no estágio supervisionado com turmas do Ensino Médio serve como ponto de partida para discutir metodologias inovadoras, que vão além do livro didático.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

ALÉM DO LIVRO: desafios da centralidade didática no ensino de história

Não há dúvida de que o livro didático ocupa um lugar central nas escolas, sendo um recurso frequente para professores e alunos. No entanto, é preciso questionar até que ponto essa centralidade pode se tornar um problema, especialmente quando o livro passa a ditar o currículo, reduzindo o ensino a uma fórmula padronizada. Utilizando seu conteúdo como verdade absoluta e sem adaptar a realidade dos alunos.

Bittencourt (2008) alerta que o material didático nunca é neutro: ele carrega disputas políticas, ideológicas e econômicas. Inspirada em Michael Apple (s/d), a autora mostra como o Estado e o mercado editorial influenciam o que é ensinado em sala de aula. Em muitos casos, diante da falta de recursos e das condições precárias de trabalho, o livro acaba sendo a opção mais viável, o que sem uma mediação crítica, pode limitar o potencial da educação.

A escolha do material didático, portanto, é uma decisão que exige cuidado. Bittencourt (2008) defende que professores e escolas devem selecionar livros alinhados aos seus objetivos

pedagógicos, considerando a realidade dos estudantes. Quando adotado de forma acrítica, o livro pode empobrecer o ensino, privilegiando a reprodução de conteúdos em vez do pensamento autônomo.

Esse debate ganha ainda mais força com Diniz *et al.* (2023), que discutem os efeitos da BNCC e da reforma do Ensino Médio. Os autores criticam a forma como os conteúdos de História foram condensados em materiais genéricos de Ciências Humanas, muitas vezes superficiais. Com base em Almeida e Miranda (2020), eles mostram como grandes editoras se beneficiam dessas políticas, em um movimento que pode prejudicar a formação crítica dos estudantes. Em um contexto de tantos desafios, este trabalho busca refletir sobre caminhos possíveis, porque ensinar História vai muito além de seguir um livro.

Durante o estágio, como já citado na introdução, a escola ainda não contava com os livros didáticos. No último dia de experiência docente, o professor supervisor estava analisando a amostra de livro de uma editora e opinou que o conteúdo do material trazia doutrinação de esquerda, pelo simples fato de discutir questões de lutas sociais, a exemplo do racismo.

Tal percepção revela como a abordagem de temas historicamente relevantes e socialmente urgentes ainda é, por vezes, interpretada a partir de vieses ideológicos que desconsideram a função formativa da escola no enfrentamento das desigualdades. Nessa conjuntura, o papel do professor torna-se ainda mais central: cabe a ele exercer uma mediação consciente e ética dos conteúdos, assegurando o compromisso com uma educação crítica, plural e comprometida com os direitos humanos.

Dessa forma, o uso do livro didático deve ser pensado de maneira crítica e reflexiva. Ensinar vai muito além de reproduzir conteúdos prontos. O educador é, antes de tudo, um mediador ativo, alguém que seleciona, combina e adapta materiais e métodos para criar experiências de aprendizagem verdadeiramente significativas. Um profissional que olha para sua turma e pensa: "O que esses alunos precisam? Como posso tornar este conteúdo vivo para eles?"

Quando o professor assume esse papel, rompendo com a dependência exclusiva do livro didático, algo transformador acontece. A sala de aula se abre para múltiplas vozes, perspectivas e linguagens. O ensino ganha autenticidade, conectando-se com as realidades dos estudantes. É assim que se constrói uma educação que forma não apenas para provas, mas para a vida, uma educação que liberta em vez de padronizar, que questiona em vez de apenas reproduzir.



INOVAR PARA ENGAJAR: O uso de recursos pedagógicos não tradicionais

Diante das limitações do uso exclusivo do livro didático e da necessidade de se conectar com os interesses e vivências dos alunos, torna-se essencial incorporar recursos pedagógicos não tradicionais no ensino de História. O uso de linguagens digitais, como a produção de memes, que podem ser imagens, frases ou vídeos curtos, geralmente humorísticos, que circulam pelas redes sociais e contemplam ideias de forma rápida e acessível. Os mesmos se apresentam como uma alternativa eficaz para tornar o processo de aprendizagem mais significativo e atrativo.

Segundo Andrade (2017), os memes funcionam como instrumentos criativos que mobilizam o senso crítico dos estudantes e permitem a apropriação de conceitos históricos de maneira mais dinâmica e contextualizada. Essa proposta dialoga diretamente com o universo digital no qual os alunos estão imersos, tornando possível uma maior aproximação entre o conteúdo escolar e suas realidades culturais e sociais. Além disso, permite superar barreiras interpretativas que frequentemente dificultam o engajamento com os textos escolares tradicionais.

A valorização dessas práticas pedagógicas não convencionais também se justifica pela possibilidade de promover metodologias ativas e participativas. Quando os alunos criam memes, eles vão muito além do humor. Mergulham em um processo ativo de pesquisa, interpretação e ressignificação da História. Essa prática desenvolve habilidades essenciais, como a capacidade de analisar criticamente, sintetizar ideias e expressá-las com criatividade. Andrade (2017) reforça que, ao trabalhar com linguagens que fazem parte do seu cotidiano digital, os estudantes constroem conhecimento de um modo mais significativo, relacionando o passado com questões do presente. Seguindo esse pressuposto é que foi aplicado uma atividade usando memes durante o Estágio Supervisionado III, como pode ser visto nas fotografias a seguir:

Fotografia 1



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2025

Fotografia 2



Fonte: Acervo pessoal do autor, 2025

Após ministrar o conteúdo sobre o Iluminismo na turma do 2º ano B, em que foi apresentado seu contexto histórico, principais autores e ideias, realizada de forma expositiva e dialogada, para que os alunos pudessem rememorar o assunto. Como forma de exercício, foi proposto a elaboração de memes que representassem ideias iluministas, associando-as a questões contemporâneas, como política, ciência, liberdade de expressão, etc. e que posteriormente, socializassem com os colegas, explicando suas produções oralmente, relacionando imagem e conceito filosófico.



Na primeira fotografia expõe: uma dupla de estudantes em frente a turma, explicando o meme produzido por eles; atrás deles está a lousa branca sobreposta no antigo quadro negro, que não é mais utilizado; vários fios que conectam a smart tv e o notbook; o professor sentado enquanto reproduzia as imagens. Na segunda fotografia está presente o meme apresentado pela dupla, nele está contido os seguintes dizeres: “a igreja vendo que os camponeses estão criando opiniões próprias e pensamentos evoluídos”. A ilustração retrata o espanto da Igreja ao perceber que estava perdendo seu poder absoluto.

Além de produzir os memes, a utilização de materiais já prontos, disponíveis em perfis de aplicativos como Instagram e TikTok, podem auxiliar no aprendizado dos jovens sobre determinados assuntos acadêmicos. A exemplo da página “História No Paint”, administrada por um professor de História e tem seu conteúdo alimentado por postagens de cunho humorístico, que abordam a temática de Ciências Humanas e Sociais, relacionando a acontecimentos da atualidade.

Fotografia 3



Fonte: @historianopaint. Instagram. Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/DlrvyEMsOo7/?igsh=b3doMW90cmRiYjg0>. Acesso em: 25 mai. 2025

A imagem acima, publicada no perfil “História no Paint”, no Instagram, aborda temas como o colonialismo e a violência histórica da escravidão e do genocídio. A esquerda, uma figura feminina representando Portugal, aparece com um pequeno ferimento relativo ao sofrimento de ser chamado de “Guiana Brasileira”, termo utilizado atualmente por usuários da





rede social “X” para referir-se a Portugal, por conta de seu tamanho em relação ao Brasil e alguns portugueses entenderam como algo pejorativo. A direita, uma figura masculina simbolizando o Brasil, se desculpa humildemente mesmo com diversos golpes de faca nas costas, expressando o tormento dos séculos de colonização. A crítica central do meme é a inversão irônica de quem sofre mais.

A utilização de filmes em sala de aula também é uma excelente ferramenta metodológica. Napolitano (2003) disserta as possibilidades de trabalhar academicamente o cinema comercial, ou seja, produções audiovisuais que não têm como principal objetivo, ser um material voltado à educação escolar. Mas que por intermédio do professor, com a escolha do filme adequado, pode se encaixar ao conteúdo acadêmico de determinada turma.

Ancorando-se nos escritos de Napolitano (2003), o cinema foi implementado nas regências do estágio. O filme selecionado foi “Tropa de elite 2: o inimigo agora é outro” com o objetivo de analisar criticamente o papel do Estado, das forças de segurança, da mídia e da política na produção e manutenção da violência urbana no Brasil e refletir sobre a atuação das milícias e sua inserção nas estruturas institucionais. Num primeiro momento houve uma contextualização sobre o conteúdo da obra e a sua importância. Após a exibição do filme houve um debate entre os alunos que discutiram os eixos temáticos retratados na obra, e foi, de longe, o momento mais frutífero da aula. Pois foi possível visualizar a interação e a compreensão dos estudantes sobre o assunto.

A experiência evidenciou o potencial dos memes e do cinema como recurso didático, o que antes poderia ser visto como uma simples distração, se transforma em uma ferramenta poderosa de aprendizagem. A medição docente foi fundamental para orientar a análise dos alunos sobre as narrativas ficcionais e as formas de linguagem digital, conectado aos temas complexos sobre o Estado brasileiro e aos conteúdos acadêmicos. Mais do que decorar fatos, os alunos aprendem a pensar historicamente e a se posicionar criticamente em um mundo cada vez mais marcado pela circulação de informações. Dessa forma, a sala de aula se conecta com a realidade dos jovens, formando não apenas estudantes, mas cidadãos conscientes e participativos

PARTICIPAÇÃO E MOTIVAÇÃO: A construção do engajamento dos estudantes

Como já vem sendo discutido durante o trabalho, nota-se que as práticas pedagógicas adotadas pelos professores em sala de aula desempenham um papel crucial no engajamento e na motivação dos estudantes. Silva *et al.* (2015, p. 6). descreve que “o aluno motivado reage e

produz positivamente assumindo melhores possibilidades na construção de um futuro educacional e profissional de sucesso.” Nesse sentido, fica evidente que a motivação, quando estimulada por estratégias pedagógicas eficazes, não só potencializa o aprendizado imediato, mas também abre caminhos para uma trajetória acadêmica e profissional mais promissora. Portanto, investir em metodologias que inspirem e envolvam os alunos é essencial para transformar a educação em um alicerce sólido para o desenvolvimento integral dos indivíduos.

A BNCC já reforça em suas habilidades a valorização de metodologias que incentivem a participação ativa dos estudantes e a construção de conhecimentos. Com isso, a importância de que as aulas sejam dinâmicas e sensíveis às vivências dos alunos. A adoção dessas práticas se fazem mais necessárias com o novo modelo do Ensino Médio, que dentre alguns fatores, está o de conter uma extensa grade de disciplinas, tornando o processo de ensino aprendizagem tradicional cada vez mais cansativo e enfadonho.

Em conversas informais com alunos durante o estágio, foi possível constatar a insatisfação com o Novo Ensino Médio. Desagrado que percorria desde o tempo que precisavam está na escola, pois agora o turno é integral, as disciplinas desconexas da realidade dos estudantes até a carência de uma estrutura física essencial da instituição para suprir as necessidades básicas de centenas de discentes no ensino integral. E foram essas informações extraídas no período de observação que ascenderam o impulso para realizar aulas menos convencionais.

Partindo da escuta das queixas dos estudantes, optou-se pela adoção de uma abordagem que valorizasse a participação e a conexão com a realidade deles. Planejou-se aulas mais dinâmicas, usando imagens, debates e filmes. A mudança de postura, com relação às aulas que os alunos estavam acostumados, contribuiu significativamente, foi visível a interação da turma, pois se viram como parte ativa do processo. Como propõe Freire (1987), a educação só se realiza de forma libertadora quando reconhece os estudantes como sujeitos ativos do processo, valorizando seus saberes prévios e sua realidade concreta.

Além disso, ao proporcionar um ambiente em que o erro é aceito como parte do processo e a escuta é constante, cria-se uma cultura escolar mais acolhedora e menos excludente. Isso contribui para combater um dos principais fatores de desmotivação: a sensação de invisibilidade e impotência dentro do espaço escolar. Nesse sentido, as aulas experimentadas durante o estágio mostraram que a motivação dos estudantes está profundamente ligada à forma como são tratados, ao respeito às suas trajetórias e à valorização de sua voz. Como aponta Freire (1996), ensinar exige humildade, escuta e

compromisso com os sujeitos, reconhecendo seus saberes. Portanto, metodologias participativas não apenas qualificam o ensino, mas humanizam as relações pedagógicas e fortalecem o vínculo entre educadores e educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou um relato de experiência desenvolvida durante o Estágio Supervisionado III, com o objetivo de explorar metodologias ativas e recursos pedagógicos não tradicionais no Ensino Médio, visando romper com a centralidade do livro didático e promover práticas mais significativas e conectadas à realidade dos estudantes. As intervenções propostas buscaram fomentar a curiosidade, a participação e o pensamento crítico dos alunos, especialmente por meio da utilização de memes, filmes e outras linguagens digitais.

A experiência demonstrou que práticas pedagógicas inovadoras têm o potencial de transformar a dinâmica de sala de aula, tornando o processo de aprendizagem mais engajador e reflexivo. Fundamentado em autores como Freire (1996), Bittencourt (2008), Napolitano (2003) e Andrade (2017), este trabalho reforça a necessidade de uma educação dialógica e crítica. Nessa perspectiva, o papel do professor é central, cabe a ele selecionar, adaptar e articular estratégias que tornem o ensino mais próximo da vida dos estudantes, promovendo a construção coletiva do conhecimento.

No entanto, é importante destacar que, embora o professor seja essencial para a efetivação dessas propostas, ele não pode ser visto como um “super-herói” ou o único responsável por salvar a educação. Essa visão romantizada desconsidera as condições concretas de trabalho nas quais muitos educadores estão inseridos. Para que o docente possa desempenhar plenamente seu papel como mediador crítico do conhecimento, é necessário que ele seja valorizado em sua integralidade, o que inclui formação contínua, reconhecimento social e remuneração condizente com a importância de sua função. Portanto, pensar em práticas pedagógicas transformadoras também exige repensar as políticas educacionais, as estruturas escolares e, sobretudo, a valorização do profissional da educação como agente fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e consciente.

É necessário reconhecer que não há inovação pedagógica consistente sem um ambiente escolar minimamente estruturado. Os desafios enfrentados durante o estágio, como a ausência de livros didáticos e a precariedade de recursos básicos para o bem estar dos alunos, evidenciam a urgência de investimentos públicos efetivos na educação básica. A

criatividade e o esforço individual não podem substituir políticas educacionais sérias e comprometidas com a equidade. O sucesso de experiências como as aqui relatadas depende, em grande parte, do compromisso coletivo de toda a comunidade escolar, gestores e órgãos governamentais.

Por fim, os resultados obtidos durante o estágio apontam para a potência das metodologias ativas no ensino de História, especialmente quando alinhadas às vivências e aos interesses dos alunos. A produção de memes, os debates mediados por filmes e a escuta das demandas dos estudantes não apenas facilitaram o entendimento dos conteúdos, mas também contribuíram para o fortalecimento do vínculo entre professor e aluno. Isso mostra que, mesmo diante de tantos desafios, é possível promover uma educação que motive, emancipe e forme sujeitos críticos, desde que haja espaço, valorização e condições reais para que isso aconteça.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. R. de; MIRANDA, S. R. Passado, presente e futuro dos livros didáticos de história frente a um BNCC sem futuro. **Revista Escritas do Tempo** – v. 2, n. 5, 2020–p. 10-38. Disponível em: <https://periodicos.unifesspa.edu.br/index.php/escritasdotempo/article/view/1364>. Acesso em: 28 fev. 2024.

ANDRADE, Alessandra Michelle Alvares. A construção do conhecimento histórico a partir da produção de “memes”. **Anais do Encontro Nacional de Pesquisadores em Ensino de História (ANPUH)**, 2017.

BITTENCOURT, Circe. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Lei nº 13.415**, de 16 de fevereiro de 2017. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB), no que se refere à estrutura do ensino médio. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 fev. 2017.

DALTRO, Mônica; FARIA, Anna. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos E Pesquisas Em Psicologia**, 19(1), 223–237. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015>. Acesso em: 12 jun. 2025.

DINIZ, Nathalia Cecilia Ferreira et al.. Livro didático: instrumento de qual educação, emancipada ou doutrinada. **Anais do I Congresso Norte-Nordeste PIBID/PRP**. Campina Grande: Realize Editora, 2024. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/107260>>. Acesso em: 13 jun. 2025.



FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 27

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HISTORIANOPAINT. Instagram. Publicado em: 20 abr. 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DlrvyEMsOo7/?igsh=b3doMW90cmRiYjg0>. Acesso em: 25 mai. 2025

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2003.

SILVA, João Paulo Saraiva et al.. A desmotivação escolar sob o ponto de vista da sociologia. **Anais V ENID & III ENFOPROF / UEPB.** Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/11502>>. Acesso em: 30 mai. 2025.